

Diálogos freireanos e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e na Amazônia paraense

Uma experiência na formação docente

Morgana da Silva Pereira¹

Joana d’Arc de Vasconcelos Neves²

Resumo: O presente trabalho é referente ao projeto de Extensão Diálogos Freireanos e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e na Amazônia Paraense, viabilizado por meio do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (Pibex) e tem como principal objetivo refletir criticamente sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), dialogando e buscando articular vínculos entre a Universidade Federal do Pará - Campus Bragança e as Escolas Públicas do referido município por meio de vivências e experiências didáticas de inspiração Freireana. A metodologia dar-se-á por meio de encontros presenciais mensais, visando à análise e o debate das categorias Freireanas e suas inter-relações com a EJA, por meio de oficinas pedagógicas, junto ao coletivo de professores da EJA e os alunos dos cursos de licenciaturas da UFPA - Campus Bragança em especial de Pedagogia no intuito de socializar e refletir criticamente as vivências da prática docente na EJA e produzir conhecimentos sobre as mesmas. Espera-se obter uma reflexão crítica sobre a contribuição de Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos, bem como a potencialização de (re)construção de práticas educativas para os Jovens e Adultos. O projeto de Diálogos Freireanos se constitui, desse modo, como uma possibilidade de experiência formativa ímpar para os estudantes de Pedagogia, pois existem poucas oportunidades de viver experiências de didáticas emancipatórias nos cursos de graduação na universidade.

Palavras-chave: Formação docente. EJA. Paulo Freire.

¹ Graduanda em Pedagogia pela UFPA. Bragança-PA. E-mail: morgan.silvas2@gmail.com

² Prof. Dra. da UFPA. Bragança-PA. E-mail: jdneves@ufpa.br

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Diálogos Freireanos e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e na Amazônia Paraense, viabilizado por meio do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (Pibex), tem como objetivo refletir criticamente sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e possibilitar que acadêmicos da Universidade Federal do Pará – Campus Bragança e professores da rede pública de ensino do município estabeleçam uma reflexão mais ampla sobre a contribuição de Paulo Freire para a EJA, potencializando construção de práticas educativas para os jovens e adultos por meio de vivências e trocas de experiências com inspiração Freireana.

O projeto ocorre por meio de encontros presenciais mensais, visando tanto a análise das categorias Freireana: Inacabamento do ser, Cultura e Diálogo e suas inter-relações com a Educação de Jovens e Adultos, a curiosidade epistemológica e a concepção de sujeito transindividual, quanto a construção de oficinas.

A princípio a dinâmica se dá pelo encontro de professores atuantes na EJA e por alunos de licenciaturas diversas que possuem interesses pela modalidade, com o intuito de estudarmos e debatermos as categorias de Paulo Freire, feitos a partir do estudo de trabalhos sobre o tema. No início de cada encontro é feita uma mística com a finalidade de “quebrar o gelo” e de antemão levantar reflexões sobre nossas práticas enquanto educadores.

Num segundo momento, após os docentes apresentarem a realidade em que atuam e o relato de vida de seus discentes, com seus limites e possibilidades, será construído oficinas pedagógicas inspiradas em Freire, sendo realizadas posteriormente, vivências e avaliações das oficinas, bem como produções escritas das experiências.

Como o projeto encontra-se em seu início, atualmente está sendo realizado estudos tendo como referencial teórico as categorias de Freire na perspectiva do Currículo Freireano de cunho emancipatório, tendo como pressuposto a curiosidade Epistemológica e os fundamentos metodológicos da EJA, para embasar a construção das oficinas.

2. DIÁLOGO EM FREIRE

Os Diálogos Freireanos e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e na Amazônia Paraense, projeto que encontra-se em seu 2º ano de vigência, surgiu da necessidade de buscar articulações entre a Universidade e as Escolas Públicas através de atividades coletivas de objetivos comuns e da reflexão e ação na EJA, sob a perspectiva de Paulo Freire, como forma de intervenção no mundo.

Tendo como base o currículo emancipatório, cujo intuito é romper com a concepção bancária e tradicional do currículo, a educação libertadora e emancipatória deve possibilitar a criticidade dos alunos e emancipação dos mesmos, com relação aquilo que lhes é imposto visando à libertação, autonomia e criticidade. Uma educação emancipatória, para a autonomia requer uma formação cada vez mais significativa e consciente, durante toda vida dos indivíduos. (Souza et al, 2010).

Vale ressaltar que a educação bancária é definida por Freire como a educação tradicional, onde o professor é o detentor do conhecimento e os educandos são meros receptáculos vazios que recebem passivamente os conhecimentos que lhes são depositados pelos professores.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. (FREIRE, 1987, p. 33).

Em suma, o professor é o centro, “o sujeito do processo; os educandos, meros objetos”. (Freire, 1987, p. 34). Em tal concepção, o dialogo não faz parte da relação entre alunos e docentes, diferente da visão emancipatória, em que ele é essencial para o aprendizado não apenas dos alunos, mas também dos docentes, afinal “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1996, p. 12).

O diálogo é considerado por Freire como uma exigência da natureza humana e uma opção por um tipo de educação que reconheça o outro como sujeito. É um processo de comunicação pautado numa relação amorosa: o diálogo é o

momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem. Através dele, refletindo juntos sobre o que sabemos e o que não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade. O diálogo sela o relacionamento entre os sujeitos cognitivos. (FREIRE, 1987, p. 123).

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 45).

O diálogo se dá tanto entre os sujeitos quanto entre os diferentes tipos de saberes, tanto de cunho científico como de senso comum. Por isso se faz necessário o respeito aos saberes dos educandos. Tais saberes não podem ser menosprezados, ao contrario, o docente deve valer-se deles para relaciona-los com os conteúdos passados de maneira crítica, problematizando-os, instigando a reflexão, a curiosidade epistemológica, possibilitando uma construção de saberes, afinal, o conhecimento do aluno é tão importante quanto o do professor. (AMBROSIO, 2013, p. 04).

Seguindo uma linha de currículo emancipatório, onde busca-se transcender com a visão fragmentada do currículo prescritivo e bancário. Cabe ao professor apresentar as diferentes facetas de um tema de modo que os educandos

formulem sua própria concepção sobre o mesmo. Para tanto, faz-se necessário que o docente instigue e desafie seus alunos a problematizarem o que está a sua volta, cabendo ao professor ter consciência e disponibilidade para o diálogo. De acordo com Freire (1996):

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História. (FREIRE, 1996, p. 86).

Ainda segundo o autor, os saberes que os alunos trazem consigo são essenciais para a construção de novos conhecimentos, sendo fundamental que o docente conheça seus alunos com seus conhecimentos prévios. (AMBROSIO, 2013, p. 04).

Compreendendo que o diálogo não é algo que possa ou não ser realizado, que é uma atitude de respeito, abertura e amor para com o outro, o projeto se propõe a ouvir e intervir entre os diferentes sujeitos, alunos e professores, numa atitude chamada por Freire de Curiosidade Epistemológica na construção dos diferentes tipos de conhecimento.

2.1 CURIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA E CATEGORIAS FREIREANAS

Entende-se por curiosidade Epistemológica, proposta por Freire, o rompimento com a curiosidade ingênua, que não duvida do que lhe é posto, que é desarmada, espontânea. Diferente da curiosidade ingênua, na epistemológica é essencial que se tenha uma rigorosidade metódica que permita a passagem do conhecimento de senso comum para o conhecimento científico, onde tal rigorosidade se encontra no método de aproximação com o objeto. (MAIA; MION, S/D, p. 3). Desse modo, esse tipo de curiosidade é de suma importância para a produção e troca de conhecimentos entre os diferentes sujeitos.

No livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996) discorre sobre os diferentes pressupostos necessário para ensinar, dentre o qual encontra-se a questão da rigorosidade metódica.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua submissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigurosidade metódica com que devem se “aproximar” dos abjetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferido do perfil do abjeto ou do conteúdo. (FREIRE, 1996, p. 14).

Para tanto, é preciso que haja uma aproximação com o objeto de estudo e/ou pesquisa, nesse sentido é primordial que se tenha um sujeito transindividual.

O sujeito transindividual nada mais é do que o sujeito que sai de seu lugar para conhecer mais e ser mais, usando o olhar do outro, devendo “deslocar a lente de seu olhar para o olhar do pesquisando” (Romão et tal, s/d, p. 07). O conhecimento construído por tal sujeito “não é a soma dos conhecimentos dos indivíduos que o compõem; é mais do que isto: é o conhecimento produzido por um sujeito novo, constituído no processo coletivo de produção do conhecimento”. (Romão et tal, s/d, p. 07).

Desse modo:

[...] o exercício da curiosidade epistemológica se torna fundante na produção de conhecimentos novos, pois objetiva rigorosamente o desvelar do objeto, tornando possível analisá-lo e compreendê-lo em sua essência, despertando uma atitude crítica diante dos fatos. (MAIA; MION, S/D, p. 3).

Assim como rigorosidade metódica, o diálogo e o rompimento com uma concepção ingênua da realidade e da situação é subjacente à curiosidade epistemológica. Devendo tais fundamentos fazer parte da formação dos professores para que o mesmo possa desenvolvê-los em suas futuras práticas educativas. (MAIA; MION, S/D, p. 3).

Com relação às categorias ontológicas freireanas de incabamento, inconclusão e incompletude do ser, Freire nos diz que a concepção bancária desconhece os homens como seres históricos enquanto a problematizadora parte exatamente desse pressuposto.

Por isto mesmo é que os reconhece como seres que *estão sendo*, como seres inacabados, inconclusos, *em* e *com* uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que-fazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade. (FREIRE, 1987, p. 4).

Esses aspectos não devem ser entendidos como sinônimos, pois cada um tem uma denotação específica. É a consciência deles que nos diferencia dos animais. A consciência de que somos incompletos devido nossa necessidade do outro, inconclusos porque estamos sempre em processo de evolução e finalmente inacabados, pois somos imperfeitos, tais particularidades nos levam a permanente insatisfação de “sermos o que somos” e a aspiração em “sermos mais” (Romão et tal, s/d, p. 05).

Ainda sobre isso, Romão et tal (s/d) nos diz que apesar de o homem buscar conhecer mais, para ser mais, o conhecimento é construído de forma incompleta, inconclusa e inacabada.

Assim, também no processo de conhecimento, é necessário um sujeito que, no mínimo, potencialize a superação da incompletude (conhecimento individual e ser completado pelo conhecimento dos outros); da inconclusão (conhecimento a ser superado pela interação dialético-dialógica com os conhecimentos dos outros) e do inacabamento (perspectiva individual a ser aperfeiçoada pelas outras perspectivas). (Romão et tal, s/d, p. 05).

De acordo com Freire (1996, p. 29) “onde há vida, há inacabamento”, ratificando que a consciência de tal condição é essencial para a prática da curiosidade epistemológica. (FREIRE, 1996, p. 31).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como sujeitos preocupados e comprometidos com a Educação de Jovens Adultos, os Diálogos Freireanos se constitui como uma experiência ímpar para a formação do educador de Jovens e Adultos, bem como para trocas de aprendizagens entre os diferentes sujeitos envolvidos, pois a participação de alunos e professores fundamenta inexoravelmente a possibilidade de conhecer, refletir, atuar e intervir na realidade pensando em transformá-la a partir do diálogo.

Os projetos universitários, tanto de pesquisa quanto de extensão, possibilitam aos graduandos a aquisição e construção de novos conhecimentos e uma formação acadêmica mais completa, pois dependendo do gênero, possibilita tanto a pesquisa teórica quanto sua relação e intervenção prática. (MANCHUR, SURIANI, CUNHA, 2013, p. 335).

Os projetos de extensão fazem parte do pilar da universidade, que é “ensino, pesquisa e extensão”, devendo desse modo, ser articulado tendo como pressuposto trabalhos de ensino e de pesquisa. (MANCHUR, SURIANI, CUNHA, 2013, p. 336).

Os projetos desse porte aproximam a universidade da sociedade e da realidade no qual estão inseridos, sendo uma “via de mão dupla”:

A universidade, através da extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre a universidade e o meio. A extensão universitária deve funcionar como uma via de duas mãos, em que a Universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e também aprende com o saber dessas comunidades. (SCHEIDEMANTEL, KLEIN, TEIXERA, 2004, p. 02).

Nos cursos de licenciatura, os projetos contribuem diretamente com a formação docente, haja vista que propicia o contato com metodologias que potencializam a formação do aluno. O projeto de extensão em questão, desse modo, contribui de forma significativa para a formação docente do educador de jovens e adultos, pois através dos estudos teóricos possibilita a

relação e intervenção com a realidade, através do diálogo entre diferentes os diferentes sujeitos.

Tendo como inferência a pesquisa que considera importantes os diferentes saberes e sujeitos envolvidos, na perspectiva em que “pesquisadores e pesquisandos são sujeitos da pesquisa que, enquanto pesquisam, são pesquisados, e, enquanto são investigados, investigam” (Romão et al, s/d, p. 04) e a percepção

de sujeito transindividual, da curiosidade epistemológica e de uma educação emancipadora é perceptível que tais referenciais estão sendo de suma importância para refletirmos não apenas sobre a educação de jovens e adultos como também para todo o campo educacional.

Pensar a educação partindo das contribuições de Freire para essa área é ter uma visão crítica da sociedade e de nossas ações, nos fazendo ter uma percepção diferente, que nos leve a de fato escutar o que os educandos querem nos dizer, considerando seus saberes e tendo uma atitude humanizadora, aberta, desafiadora para com eles, de modo que os mesmos possam não apenas ler a palavra, mas o contexto que está a sua volta.

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE apud SEVERINO, 1982, p. 07).

Até o presente momento, o andamento do projeto tem trazido resultados positivos. É perceptível que de fato há um comprometimento em encontrar possibilidades que favoreçam as práticas educativas dos jovens e adultos por aqueles que estão participando dos diálogos. O clima que envolve os encontros é convidativo para a participação e contribuição dos sujeitos.

Tanto os professores quanto os alunos da graduação estão abertos à proposta do projeto, de modo que é estabelecida uma relação dialógica entre os mesmos. Ambas as partes

falam e escutam o outro, de modo a trocarem e constroem conhecimentos novos, mais significativos e que possibilitem uma pratica diferenciada na EJA.

Os diálogos Freireanos propõe a seus integrantes a aproximação com as teorias de Paulo Freire, de modo a exercitarmos práticas de intervenção tendo ele como pilar. Tal atividade será realizada através das oficinas que serão realizadas nos encontros, após os estudos teóricos. Atualmente, estamos fazendo os últimos encaminhamentos teóricos para começarmos a elaboração das oficinas, que serão feitas a partir de temas geradores colhido das falas dos alunos.

O projeto, de maneira geral, contribui significativamente tanto para a formação dos graduandos participantes, quanto para as práticas pedagógicas dos

docentes que atuam na área, de modo que os diferentes conhecimentos são compartilhados em beneficio comum. Abaixo o público de educadores participantes do projeto.

Figura 01: Participantes dos Diálogos Freireanos



Fonte: Arquivo pessoal.

4. CONCLUSÃO

Apesar de encontrar-se no início do ciclo de encontros, a participação e envolvimento dos educadores é satisfatória. De antemão é perceptível o sucesso e ineditismo do projeto, afinal, são poucas as oportunidades de se viver experiências didáticas

emancipatórias nos cursos de graduação da universidade.

Espera-se obter ao término do projeto uma reflexão crítica sobre a contribuição de Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos, bem como a potencialização de (re)construção de práticas educativas para os Jovens e Adultos.

O mesmo já possibilita aos alunos de diferentes graduações, que participam dos encontros, uma nova visão a respeito da educação de jovens e adultos. As experiências adquiridas através dos encontros contribuem tanto para a formação profissional quanto para a pessoal dos educadores.

Contudo, apesar de conhecer a história de vida dos alunos, através de um vídeo em que eles contam sua trajetória escolar, feito por seus docentes, acredito que a participação deles juntamente com seus professores e os membros dos diálogos freireanos, enriqueceria mais os diálogos e viabilizaria que adentrássemos de “fato” em suas realidades, potencializando assim, a construção de uma proposta educativa que contribuísse substancialmente para a formação deles enquanto homens e a nossa enquanto educadores comprometidos com a EJA.

Em suma, a metodologia do Projeto Diálogos Freireanos e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e na Amazônia paraense, apresenta resultados satisfatórios para a formação do educador da EJA, além de contribuir diretamente com a educação pública do município, através dos profissionais atuantes da área que integram o coletivo de educadores dos diálogos. Do mesmo modo, difundi as contribuições de Paulo Freire para o campo educacional.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Mere. **Construindo uma prática curricular emancipatória**: um fascinante desafio. PUCSP, 2000.

AMBROSIO, Ana Cristina. **O diálogo em Paulo Freire**: contribuições para o ensino de matemática em classes de recuperação intensiva. 2013.

BRANDÃO, Carlos. **Entre Paulo e Boaventura**: Algumas aproximações entre o saber e a pesquisa. S/d.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, PAULO. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KUHN, Martin; ZILLI, Gilvane. **Redesenho curricular**: áreas do conhecimento e componentes curriculares. Rev. Fac. Educ. (Univ. do Estado de Mato Grosso), vol. 23, ano 13, n.1, p. 99-114, jan./jun. 2015

MAIA, Dayane; MION, Rejane. **A curiosidade epistemológica na formação inicial do professor e pesquisador em ensino de Física**: possibilidades e limites. Ponta Grossa – Paraná. S/D.

MANCHUIR, Josiane; SURIANI, Ana; CUNHA, Márcia. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. **Ponta Grossa**, v. 9 n. 2 - jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas2.uep.br/index.php/conexao/article/viewFile/5522/3672>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

MENEZES, Marília; SANTIAGO, Maria. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-Posições**, v. 25, n. 3 (75), p. 45-62, set./dez. 2014.

ROMÃO, José; CABRAL, Ivone; CARRÃO, Eduardo; COELHO, Edgar. **Círculo epistemológico**: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. s/d.

SCHEIDEMANTEL, Sheila; KLEIN, Ralf; TEIXERA, Lúcia. **A importância da extensão universitária**: o Projeto Construir. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA BELO HORIZONTE, 2., 12 a 15 set. 2004. **Anais...** Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrext/Direitos/Direitos5.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

SOUZA, Allan et al. **Educação emancipatória**: Educar para a Autonomia. 2010. Disponível em: <<http://ressignificandomatematica.blogspot.com.br/2010/07/educacao-emancipatoria-educar-para.html>>. Acesso em: 16 jun. 2016.